



**CAÁLA**  
INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO

**DEPARTAMENTO DE ENSINO, INVESTIGAÇÃO E PRODUÇÃO EM HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**LUZIA JANINE LUCUSSO CHISSENDE**

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO DO REINO**  
**MBALUNDO**

**CAÁLA/2023**

**LUZIA JANINE LUCUSSO CHISSENDE**

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO DO REINO  
MBALUNDO**

Trabalho de fim de curso, a ser apresentado ao Departamento de Ensino Investigação e Produção em História do Instituto Superior Politécnico da Caála, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura de Ensino de História.

**Orientador:** Diniz Sacambela Pessela, Lic.

**CAÁLA/2023**

*É verdade, é claro, que a identidade africana ainda está em processo de formação. Não há uma identidade final que seja africana. Mas, ao mesmo tempo, existe uma identidade crescente. E ela tem um certo contexto e um certo sentido. O conhecimento é a chave para desvendar as portas de um Reino, e a divulgação é o caminho para compartilhar esse tesouro com o mundo, o que significa que, a África representa alguma coisa para algumas pessoas. Cada um desses rótulos tem um sentido, um preço e uma responsabilidade*

**Chinua Achebe**

Dedico este trabalho a toda minha Família.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, Onnipotente, Omnipresente, Omnisciente, autor da vida e do destino. Aos meus beneméritos pais, André Chissende de feliz memória e Rosa Lucusso Chissende aqui presente; ao meu querido esposo, Cipriano José, por ser meu grande companheiro; ao meu irmão cassula Paulino Hernany, por ser um impulsionador acadêmico; aos meus familiares, aos meus filhos, exemplo de partilha e grandiosa unidade, são a minha maior razão de viver! Agradeço especialmente aos meus Mentores, pela lucidez acadêmica e da forma pedagógica e paciente como foram transmitindo os conhecimentos, da qual hoje sou fruto desta vossa incansável paciência; aos meus colegas de carreira e de curso; aos amigos, com os quais tenho prazer de viver grandes histórias; e a todos que já cruzaram o meu caminho! Pois, tenho plena certeza de que, deixaram-me alguma lição, contribuindo na criação da minha história.

**MUITO OBRIGADO POR TUDO.**

## GLOSSÁRIO

**Akokotos:** cemitério dos soberanos do Reino.

**Atambo:** local onde jazem os crânios dos soberanos do Reino. Este local é considerado localmente de santuário tradicional.

**Chitomba:** envergonhados ou humilhados por um genro.

**Elimbo:** Espécie defolhas vegetais que unidas ao óleo de palma se utilizam para purificar todos antes de entrar no Atambo.

**Kissangua:** é uma bebida caseira e típica dos ovimbundu. Ela é feita de: osovo que é (milho triturado) ou cascas de ananás, bundi e água. Depois de preparado, conserva-se num recipiente até azedar, pois só depois de atingir este estado estará devidamente pronta para o consumo.

**Kwanhama:** grupo étnico que vive no Sul de Angola e a Norte da Namíbia. Trata-se de um povo pertencente ao grupo etnolinguístico dos Ovambo (ambó). Mandume Ya Ndemufayo foi o último Rei deste agrupamento étnico, e é considerado em Angola como um marco de resistência contra o império colonial Português.

**Nguendalika:** indivíduo que estiver viajando ou caminhando só. Transeunte.

**Olomundo:** caça. Os jovens abandonavam o meio social e se deslocavam para as florestas ou matas onde permaneciam vários dias caçando.

**Olomunje:** termo em Umbundu que significa cerca de ramos ou troncos de árvores com a casca retirada.

**Olosoma vionduko:** somas ou sobas de nome. Conjunto de autoridades que constituem a corte do Rei. São assim chamadas porque ao serem empossadas, adquirem nomes fixos e que exteriorizam ao mesmo tempo as funções que cada um deles desempenhará, ou seja, os nomes explicam as funções de tais autoridades.

**Ombalayo Mbalundo:** palácio do Reino do Mbalundo.

**Ombala:** palácio. Local onde se encontra instalada a casa trãnsita dos Reis. Bairro onde se encontra construída a residência oficial do Rei e dos membros de sua corte. Povoação residencial das autoridades do reino. **Ombalundo:** erva que os ovimbundu do Halavala usavam para fazerem os adornos.

**Omemba:** adorno corporal de cor branca.

**Onjango:** alpendre construído com paus e coberto de capim; os paus das paredes ficam ligeiramente curtos separados uns dos outros por formas a que todos que nele não tenham lugar continuem a ver e a ouvir o que se passa lá dentro. Gabinete de trabalho. Refeitório-tribunal da

comunidade. Lugar onde os varões de um povoado se reúnem para comer e julgar, em primeira instância, os seus próprios litígios. Os forasteiros, aí se acolhem igualmente. Por preferência, são depois alojados na casa de um deles, onde passarão a fazer as refeições. Permanecerão o tempo que acharem conveniente, nada retribuindo pela sua hospedagem. Local onde os anciãos passam os testemunhos aos mais novos e onde se discutem os problemas d comunoiidade. Universidade do reino.

**Sekulo:** porta-voz entre a ombala e o Estado. Responsável pela transmissão dos problemas ou preocupações da população para a administração municipal e vice-versa. Varão de respeitabilidade.

Dirigem as aldeias governadas pelo Rei.

**Sekulu vitito:** adjunto do sekulo.

**Sobado:** Território governado por um soba.

**Somainene:** autoridade máxima do Reino. Soberano. Chefe grande. Em geral serve para designar o Rei, que também pode ser chamado de ossoma olossoma, ou seja, chefe dos chefes. Quando a sílaba “so” for posposta ao prefixo “lo”, estamos diante de uma pluralização da expressão, e para o caso a escrita seria “**Losoma Inene**” ou “**Olosoma Inene**” dependendo do contexto.

**Soma:** autoridade suprema de uma comunidade africana. Regulo. Indivíduo de maior preponderância num meio. Representantes do rei em suas áreas de jurisdição. O mesmo que **soba**, entre os povos de língua Kimbundu. O soba por direito de sucessão, além do poder temporal, ainda reúne o espiritual, pelo que, no ato da investidura, se submete a determinadas práticas.

**Usonahi:** secretária da corte.

**Utanha:** caução. Emolumentos.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BFA:** Banco de Fomento Angola.
- BIC:** Banco de Investimento Comercial
- BPC:** Banco de Poupança e Crédito.
- C.R.A:** Constituição da República de Angola.
- CACS:** Conselho de Auscultação e Concertação Social.
- FNLA:** Frente Nacional de Libertação de Angola.
- MAT:** Ministério da Administração do Território.
- MPLA:** Movimento Popular de Libertação de Angola.
- NUER:** Núcleo de Estudos de identidades e Relações Interétnicas, coordenado pela Dra. Ilka Boaventura Leite. **ONGs:** Organizações não-governamentais.
- PALOP:** Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.
- PPGAS:** Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
- Sr.:** Senhor.
- UFSC:** Universidade Federal de Santa Catarina / Brasil.
- UNITA:** União Nacional para a Independência Total de Angola.



## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> -Característica do género que participou da entrevista.....	33
<b>Gráfico 2</b> -Percentagem dos entrevistados. ....	33

## RESUMO

Nesta abordagem, o Reino do Mbalundo será descrito e analisado como uma organização sociocultural e política consuetudinária angolana, especificamente da etnia Ovimbundu que tem como soberano o Rei ou *Soma Inene*. Com base nas tradições sucessórias, descrevo suas relações com o território, a cultura, a história, a língua, as simbologias e rituais que o sustentam e o fundamentam como uma das comunidades políticas, com reconhecida liderança perante o Estado nacional angolano da atualidade. Abordo também, sob este prisma, a memória social compartilhada pela corte atual e discuto a literatura histórica e antropológica sobre este assunto, para compreender as formas de continuidade e de resistência do Reino ao Império Colonial Português e no período seguinte, as sucessivas guerras que ocorreram em Angola nos anos de 1975 a 2002. Por fim, analiso os princípios que conferem ao Reino do Mbalundo a atual unidade política e norteiam as suas relações com o Estado nacional angolano.

**Palavras-chave:** Mbalundo, Estado, Reino, Soberania, Consuetudinário.

## ABSTRACT

In this dissertation, the Mbalundo Kingdom will be described and analyzed as an Angolan sociocultural and customary political organization, specifically of Ovimbundu ethnicity which has as sovereign the king or *soma inene*. Based on the succession tradition, I describe its relations with the territory, culture, history, language, the symbols and rituals that sustain it and underpin it as one of the political communities with known leadership before the current Angolan National State. I also approach, under this light, the shared social memory by the current court and I discuss the historical and anthropological literature about this subject to understand the ways of continuity and resistance from the kingdom to the Portuguese Colonial Empire and the next period, the successive wars that occurred in Angola by the years of 1975 to 2002. Finally, I analyze the principles that give to Mbalundo kingdom, the current political unity and guide its relations with the Angolan National State.

**Keyword:** Mbalundo, State, kingdom, sovereignty, customary.

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>1.1. Descrição da Situação Problemática</b>	<b>14</b>
1.1.1. Possíveis Causas	14
1.1.2. Possíveis consequências	14
1.1.3. Possíveis soluções	14
<b>1.2. Objectivos:</b>	<b>15</b>
1.2.1. Gerais:	15
1.2.2. Específicos	15
<b>1.3. Justificação do tema</b>	<b>15</b>
<b>1.4. Contributo do trabalho</b>	<b>15</b>
1.4.1. Estrutura do trabalho	15
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>16</b>
<b>2.1. Origem</b>	<b>16</b>
<b>2.2. Substituição de Halavala para Bailundo</b>	<b>16</b>
<b>2.3. Localização geográfica</b>	<b>16</b>
<b>2.4. As regras de sucessão do Reino</b>	<b>18</b>
<b>2.5. Os Soberanos do Reino Mbalundo</b>	<b>18</b>
<b>2.6. Retorno ao sistema de poder centralizado e as interferências político-partidárias durante o reinado de Ekuikui III</b>	<b>22</b>
<b>2.7. A simbologia no Reino</b>	<b>23</b>
2.7.1. Atambo	23
2.7.2. Akokotos	24
2.7.3. Os Onjangos	24
<b>2.8. Alguns instrumentos usados durante a entronização de um Soma Inene</b>	<b>25</b>
2.8.1. Instrumentos de punição	26
<b>2.9. Elementos da corte e suas funções</b>	<b>26</b>

<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>32</b>
<b>3.1. Pesquisa</b>	<b>32</b>
<b>3.2. O método histórico</b>	<b>32</b>
<b>3.3. Métodos teóricos</b>	<b>32</b>
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>33</b>
<b>5. PROPOSTA DE SOLUÇÃO</b>	<b>35</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>38</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como tema, proposta de criação de um centro para a divulgação do Reino Mbalundo. Para desenvolver, pretendemos estimular a valorização da cultura.

**O Reino Mbalundo** nesta abordagem, será descrito e analisado, como uma organização sócio-cultura e política consuetudinária angolana da etnia Ovimbundo, que tem como soberano o Rei (Soma Inene). Com base nas tradições sucessórias, faremos abordagem das suas relações com o território, a cultura, a história, a língua as simbologias e rituais, que o sustentam e o fundamentam como umas das comunidades culturais reconhecidas perante o Estado Nacional na atualidade. Abordaremos também sobre esse prisma, a memória social compartilhada pela corte atual. O mesmo tema, tem como objetivo; analisar a estrutura ou a organização do Reino assim como as relações do poder no ponto de vista cronológico até aos dias de hoje. O mesmo, tem grande importância na transmissão dos valores culturais hábitos costumes e regras nas futuras gerações (SUNGO,2015).

### **1.1. Descrição da Situação Problemática**

A perda dos valores morais.

#### **1.1.1. Possíveis Causas**

- a) A falta de conhecimento;
- b) A falta de incentivos;
- c) Falta de exposição.

#### **1.1.2. Possíveis consequências**

- a) Desvalorização da cultura;
- b) Falta de respeito as autoridades tradicionais;
- c) Perda dos valores morais e éticos;
- d) Desrespeito e marginalização dos locais culturais.

#### **1.1.3. Possíveis soluções**

- a) Conhecer os hábitos e costumes;
- b) Criar centros e postos que possam oferecer emprego aos jovens;
- c) Respeitar as entidades tradicionais;
- d) Educação inclusiva;

## **1.2. Objectivos:**

### **1.2.1. Gerais:**

Compreender os factores que estão na base da desvalorização

### **1.2.2. Específicos**

- a) Identificar o contributo do Reino e centros de forma a propor acções que contribuam no melhoramento da preservação da cultura.
- b) Analisar o contributo dos Reinos e centros para a transmissão da cultura para as futuras gerações;
- c) Criar políticas que possibilitam a implementação de um centro cultural para os jovens e não só.

## **1.3. Justificação do tema**

A escolha deste tema, Proposta de criação de um centro para a divulgação do Reino Mbalundu, é pela necessidade de promover e divulgar informações sobre o Reino do Mbalundo, visando aumentara conscientização e o interesse do público em relação ao Reino, e pode ser feito por meio de exposição, eventos, materiais informáticos, serão com os mais velhos, os ondjangos e outrasestratégias de comunicação.

## **1.4. Contributo do trabalho**

O presente trabalho tem como contributo: promover a divulgação da cultura do Reino Mbalundo, proporcionando um centro dedicado a essa finalidade, e também criar interesse aos munícipes e não só; promovendo acções que contribuam na preservação da cultura neste local! Outrossim, abrirá caminho ao emprego e angariar valores monetários, através dos turistas que pretenderem passar em visita a estes pontos.

### **1.4.1. Estrutura do trabalho**

O presente trabalho está estruturado por uma introdução, dois capítulos, (o I, da Revisão da Literatura e o II, da Apresentação e Discussão dos Resultados obtidos da investigação), conclusão,e referência bibliográfica.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. Origem

Esta é a história da tradição extraordinária de Katiavala pela confiança nele depositada pelo povo, resolveu implementar uma ombala, como tinha conhecido na região do Sumbe , terra de origem de seus pais. Convocou uma reunião com participação de todos, do bebé, ao mais velho para inauguração da Ombala. Convidou também seus pais, embora fizesse muito tempo desde a sua expulsão. Embelezou a montanha com uma cerca de paus cascados (olumunje) todosconcentrados, cavou um buraco, na presença da multidão e em voz alta, arma em punhalada disse: enterrai nesta cova uma cabeça de galo, de vaca, de cabrito, e de pessoa. (Ibidem, 2014 pg 88)

Sobre esta última, os pais repreenderam-no mais ele zangado disse ao seu pai, que era apenas convidado e não fazia parte da cerimônia. O apossamento era para comunidade de Halavala e mais ninguém. O pai recuou, e ele mandou os seus servos á procura de um jovem que viaja-se sozinho o chamado Nguendalica , sem demora trouxeram a cabeça de golada de um Nguendalica e junto com os animais, colocaram na cova plantando sobre ela uma árvore silvestre chamada Ohumbi.(PEIRANO, 2003, p. 9).

### 2.2. Substituição de Halavala para Bailundo

Até então, a montanha onde estava situada a aldeia, se chamava Halavala quando Katiavala implementava um Jango, como segunda fase do ritual apareceu uma toupeira como uma lista branca na testa (o que acontece com algumas espécies). Admirado apanhou-a, fritou-a e em seguida deu uma vista de olhos aos homens do Halavala que tinham o Ombalundo na testa e exclamou com voz de trovão;**Etali onduko ya Halavala yapwa...tchilo ame Mbalundo, momo ndikasi povipala vyowiñgi wosi.(a partir de hoje, este lugar não será mais chamado Halavala , mais sim Bailundo... está nítido na testa de todos).** (IBIDEM, 1997 p.18).

Assim, apartir daquele dia, do século XVII, Halavala passou a chamar-se Bailundo, conhecendo também o início de uma nova era de um Reino o que não acontecera antes. Katyavala, começou a reinar sobre as cinco (5) aldeias incluindo também Tchitomba. (IBIDEM, 1997 p.18).

### 2.3. Localização geográfica

O Reino Mbalundo, está localizado a Sul da Província do Huambo, o mesmo é limitado a Norte, pelos Municípios do Mungo e Andulo (Bie), a Sul,estálimitado pelo Município de Tchicala Tcholoanga, Kunhinga, Cachiungo e Chinguar,a Oeste,pelo Município do Londuimbali. O



Bailundo, Bimbi, Lunge, Luvemba, perfazem as comunas do Município, com 573 aldeias e 79 povoações, com 7.075km de extensão territorial, sendo a agricultura a atividade de subsistência da população.

Ainda esta região, possui vários recursos hídricos fornecidos pelos rios: Keve, Cutato, Cupassi, Cuvira, Cungamua, Curundi, Culele, Cucai, Cusso, Luvulo e Chitonga cujo clima é predominantemente húmido. Está atravessado por cadeias montanhosas, das quais se destacam as de Lumbanganda, Chilono Nity e o Morro de Halavala. Neste último, é onde repousam os restos mortais de Katiavala e Ekuikui II símbolo da resistência colonial.

Estas fronteiras apresentadas, permitem aos ovimbundos diferenciarem-se enquanto grupo étnico ovimbundu, estabelece com outros grupos e das regras que os regem. O Reino do Mbalundo, apresenta uma organização sócio-econômica, sobre tudo política e cultura da etnia ovimbundu, considerando-o maior grupo étnico de Angola; não só no ponto de vista geográfico, mas acima da representatividade introdutória dos ovimbundu no território Nacional.

Em 1896 denominava-se Catapi, mas no ano de 1986 passou a chamar-se de Vila Teixeira Da Silva, após este ter derrotado o Soma Inene, Numa II e depois da derrota foi sucedido pelo Soberano Ekuikui II. O decreto lei nº 54 de 1956 oficializou o Mbalundo como vila. O Bailundo é um dos Municípios do Huambo, que dista 75 km do Município Sede do Huambo.

Esta abrangência territorial, é fundamentada pela divisão administrativa colonial portuguesa, precisamente na década de 60 até princípio do ano de 1970, período em que os portugueses agrupavam um ou mais aldeias no sistema denominado: aldeias concentradas, pelos aspectos culturais, religiosos e outros processos de sociabilidades semelhantes. O mesmo na política e cultura, que hoje é conhecida como: etnia ovimbundu! Onde o Reino Mbalundo é o maior institucional; por outro lado este sistema proporcionou a cultura linguística do povo vizinho que antes de aglomerados apresentavam discrepâncias dos ovimbundos.

Segundo Barth, em (1998) as entidades étnicas só se mobilizaram com referência a uma alteridade (condições) e a etnicidade, implica sempre a organização dicotômica.

O Reino Mbalundo, é considerado como o mais extenso do território angolano, devido o momento conturbado que os ovimbundo viveram durante o colonialismo e a guerra civil angolana, que se desencadeou pela translocalidade. Outrossim, esta translocalidade, terá sido provocada pela disputa de poder entre os três (3) Movimentos de Libertação Nacional, que são: Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), Frente Nacional de Libertação de Angola

(FNLA), e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), agudizada pelo facto do império colonial português ter manifestado a retirada nas colônias angolanas dos seus militares.

Em 1974, após o derrube do regime Salazarista, sagrou-sevitorioso o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

#### **2.4. As regras de sucessão do Reino**

Segundo a tradição oral, o Soberano ovimbundu só deveria ser substituído após a sua morte. Morte que quando por doença, não pode acontecer no palácio. De acordo com Ekuikui V “temos um local próprio no interior da ombala onde a corte leva o Rei, quando os espíritos comunicarem que ele já vai morrer”. E, depois dele morrer, a população não pode saber logo, a corte só vai comunicar a morte do Rei depois de uma semana, porque temos passos para cumprir antes de anunciar, um deles é a divisão entre a cabeça e o corpo do Rei, porque nós não enterramos a cabeça, mas sim o corpo! A cabeça fica conservada no nosso etambo, e o corpo é sepultado lá nos akokotos. E neste momento, a corte já sabe quem é o parente que vai substituir, e não é qualquer parente, existem regras que cumprimos, tem que ser um sobrinho da parte materna ou neto. E no dia da entronização do novo Rei, a corte vai até em casa dele, lhe amarram um lenço branco nos olhos e lhe trazem lá na ombala, e aí aplicamos todos os nossos rituais de entronização, na presença da população e parentes, representantes do Estado e líderes religiosos. Aí, o tio do futuro Rei, terá a missão de explicar bem as origens do futuro Rei. Se alguém achar que ele não pode ser, porque não é legítimo, deve reclamar, mas isto também não vai acontecer porque a corte não escolhe a toa”. (**Entrevista concedida em sua residência**).

Este e outros pronunciamentos do Soma Inene, levaram-me a consolidar a ideia de que, o Reino é uma organização consuetudinária, com estrutura ou organização política, assente no parentesco. Acredita-se que no Reino, o sistema de sucessão é matrilinear, determinando assim que o processo aconteça respeitando a linha uterina, onde o privilégio recai ao sobrinho materno e, na ausência deste, ao neto, porém observando sempre o direito de primogenitura, ou seja, num sistema similar a este, de acordo com Pe. Altuna,

**Uterina:** parente pelo lado materno (BURGUIÉRE, 1998, p 327)<sup>12</sup>

**Direito de primogenitura:** fórmula do direito, que consiste em dar sistematicamente preferência ao primogênito em detrimento dos irmãos mais novos. Geralmente trata-se do primogênito varão. (BURGUIÉRE, 1998, p 324)

#### **2.5. Os Soberanos do Reino Mbalundo**

1. Katiavala
2. Jahulu
3. Somandalu
4. Chingui I
5. Chingui II, conhecido por Chiliva Bambangulu
6. Epalanga Ngongo Ekuikui I
7. Numa I
8. Hundungulu I
9. Chissende
10. Junjulu
11. Ngunji
12. Chivukuvuku Chama Chongonga
13. Utondossi, 1818-1832
14. Bunji-1833-1942
15. Bongue-1842-1861
16. Chissende II 1861-1869
17. Vassovava 1869-1872
18. Katiavala II 1872-1875
19. Ekongolihombo 1875-1876
20. Ekuikui II 1876-1890
21. Numa II 1890-1892
22. Moma 1895-1896
23. Kangovi 1897-1898
24. Hundungulu II 1898-1900
25. Kalandula 1900-1902
26. Mutu yakevela 1902-1903
27. Chissende III 1904-1911
28. Candimba jahulu II 1911-1935
29. Mussito 1935-1938
30. Chinendele 1938-1948
31. Filipe Capoco 1948-1970
32. Felix Numa 1970-1982

33. Jose Maria Pessela Chongolola 1982-1985
34. Manuel da Costa Ekuikui III 1986-1996
35. Augusto Cachitiopololo Ekuikui IV 1996-2012
36. Armindo Francisco Kalupeteca-Kupelendela Ekuikui V 2012 – 2021
37. Isaac Francisco Lucas – Tchongolola Tchongonga ( o actual Rei)

Em forma de epítome, trazemos factos marcantes relativamente ao reinado de alguns Reis, tais como:

**Katiavala, (1700)** narra-nos os dados históricos, que durante o seu reinado, Katiavala foi mentorda centralizaçãodo poder e coesão política do reino, pois no seu reinado não se verificou guerrilha contra o jugo colonial português.

**Chingui I (1774-1776)** o seu reinado foi marcado de relativa tranquilidade embora não absoluta.porque no seu começo, não foi alvo de ataques, pois, apenas uma franja muito reduzida de indivíduos se deslocava em regiões de sua jurisdição com o escopo de explorar.

Refiro-me às expedições de exploradores como Serpa Pinto, Silva Porto, Roberto Ivens e outros. Posteriormente a presença destes foi aumentando, criando, deste modo, condições para que efetivamente o Império Colonial Português pudesse se instalar no local, o que motivou, entre outras, duas guerrilhas marcantes, na primeira, os defensores do Império Colonial Português foram vencidos pelos súditos de Chingui I. A segunda foi um contra ataque a todos os níveis brutal, que culminou na fuga do soma inene e sua força para uma fenda que se localiza na serra Lumbanganda.

**Numa II (1890-1892)** seu reinado é marcado por momentos negativos, pois que o reino entrou numa fragilidade, catalisada pelo Português Justino Teixeira da Silva. O reino foi alvo de traições de seus súbditos e da Inakulo, onde as mulheres do reino eram abusadas sexualmente.

**Ekuikui II** durante o seu reinado, Ele incentivava a população a cultivar mais, a praticar mais a pecuária, porque assim o colono português não abusava muito, e depois, esses produtos ele mandava vender para comprar armamento, foi um grande homem, ele não gostava de lutas, mas também quem lhe provocasse até mesmo pelo diálogo ele mostrava ser grande líder. O seu reinado, marca também uma nova era no sector religioso na região e em Angola, ao receber, acatar e criar condições para que igrejas de matriz ocidental se instalassem na região.

**Kalandula (1900-1902)** Narra-se que, durante o seu reinado contou sempre com a colaboração do epalanga Mutu-ya-Kevela. O reino vivia uma crise ainda maior, no que se refere à organização política uma vez que o Império Colonial Português tinha praticamente o mesmo sob seu controlo, ao ponto de montarem uma cerca em torno deste.

**Chissende III (1904-1911)** Narra-se que o começo de seu reinado foi marcado por momentos bastante conturbados, pois, para além de combater o Império Colonial Português, fenômenos naturais como a seca, davam cabo do gado e das culturas, provocando a fome na região. Para além disto uma epidemia tomou conta da região, provocando a morte de centenas de pessoas, levando o soma inene a mudar a ombala para um outro local, porém sempre no interior de Mbalundo pensando que esta mudança poderia trazer a calma ao reino, o que não aconteceu.

**Ngunji**, narra-se que ao longo do seu reinados,houve muita fome acerca de três anos.

**Chingui I, (1774-1776)**a causa das epidemias e outros males no reino Notando que nem a mudança geográfica da ombala resolveu os imensos problemas que o reino vivia Chissende III foi obrigado a recorrer aos serviços dos doutores tradicionais que, fazendo uso de seus meios botânicos, afirmaram que tudo se devia ao crânio do rei Chingui I, que havia sido conservado em Luanda pela administração colonial portuguesa e que se fossem a busca do mesmo, as coisas voltariam ao normal. Chissende III entendeu e orientou para que membros de sua corte percorressem sensivelmente 600km em busca do crânio. Ekuikui V narrou-nos que “assim que explicaram o objetivo deles aos portugueses lá em Luanda, começaram a lhes rir, mas eles não sabiam que usando a nossa tradição o crânio ia se separar dos outros e viria ter com os deles. Assim que permitiram chegar no sítio, evocaram e exaltaram os nomes dos nossos antepassados e começaram a gritar falando o que tinham ido fazer lá, tocavam batuques, cantavam e dançavam segundo a nossa tradição e depois só viram um crânio a saltitar tipo que estava a dançar também depois a corte pegou o mesmo, lhe untaram com óleo de palma e trouxeram para a ombala

**Sanjukila** «este acontecimento foi acolhido com admiração por parte dos portugueses, criando algum temor pelos ritos tradicionais angolanos» (IBIDEM, 1997, p. 37). Portanto, devo dizer que estamos diante de uma convergência entre o mito e a história, e que torna-se importante sempre não perder de vista que os mitos por si só têm a sua estrutura, parafraseando L. Straus em As mitológicas.

**Jahulu II (1911 - 1935)** Segundo a memória local, o soma inene Kandimba Jahulu teve um reinado marcado pela redução seguida da abolição da autonomia das autoridades locais, por parte da administração colonial portuguesa, que visava com isto, descentralizar o poder para fragilizar o reino. Para tal, motivou o surgimento de várias ombalas ao transformar e reduzir o reino em sobados. De acordo com Sanjukila, «dividir para melhor reinar»

## 2.6. Retorno ao sistema de poder centralizado e as interferências político-partidárias durante o reinado de Ekuikui III

De acordo com as narrativas, no seu reinado, Ekuikui III procurou devolver a mística do Reino, estabelecendo entre outros, contactos com outras autoridades costumeiras, e com o líder do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), governo, o camarada José Eduardo dos Santos, que várias vezes o convidou para encontros em Luanda, como representante máximo do Reino. Estas cooperações visavam devolver a coesão política e o reconhecimento do Soma Inene como Soberano. Ekuikui III procurou conservar os hábitos e costumes narrando-os para as gerações mais novas dos ovimbundos; procurou ser uma espécie de biblioteca viva das gerações mais novas, proferia parábolas, como está de acordo com Sanjukila, «*lilongisi letu tuakulu momo olohaku tukonjeli, kombaka katuendi lene*». Tradução «*aprendam com os velhos ou anciãos, porque estes ajudam a amarrar o embrulho, mas nem sempre caminharão juntos*» (IBIDEM, 1997, p. 40,41).

Em 1990, durante um ataque, Ekuikui III foi raptado pela União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), e levado para Jamba, onde se encontrava uma das bases do Galo Negro. Pelo que se narra, mesmo detido, continuou sendo respeitado como Soma Inene. Após as contendas que se seguiram às eleições angolanas de 1992, Ekuikui III ganhou uma liberdade condicional. Chamamos de liberdade condicionada, pelo facto de ser posto em sua residência oficial vigilância diária de homens armados pertencentes às fileiras da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Porém, diante da situação política que o país vivia, passados 50 dias aproximadamente, o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) –governo, retomou o controlo da vila e Ekuikui III o controlo do Reino. Porém, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), não se contentou com o fato de Ekuikui III, ter retornado ao trono. Ekuikui III viria a falecer nos finais dos anos 90, mergulhando, de novo, o Reino numa crise. O então líder da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), Jonas Malheiro Savimbi, decidiu preencher a vaga com candidatos da linhagem dos Soberanos de Etunda e Lunge.

Recorda-se que, Utondossi I que de 1818-1832 reinou no Mbalundo pertenceu a esta linhagem. Definidas assim as coisas, a escolha recaiu para dois (2) membros da linhagem real dos Utondossi: Alice Ngueve Simões (mãe de Alcides Sakala Simões, ex-presidente da bancada da

União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), e Jeremias Lussati, a quem se decidiu entregar o trono, com o epíteto de Utondossi II, que comandou os destinos do Reino e que, atendendo à forma como ascendeu ao trono, isto é com o beneplácito da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), e ao clima de Guerra Civil que o país embora nos seus últimos anos vivia, viria a ser destronado do cargo pelo Soma Inene Ekuikui VI, que pertencia às fileiras do MPLA. Esta é uma demonstração das interferências externas, no caso político-partidária, nos processos meramente internos do Reino, e por sinal, no de sucessão. Ou seja, a pertença partidária pode implicar as decisões sobre a escolha do sucessor.

## **2.7. A simbologia no Reino**

Entendo que toda identidade humana, é consequência de uma construção, e a construção e fortalecimento da consciência étnica, sempre foi um dos objectivos dos ovimbundos, e, para tal, a simbologia intervém bastante nesse processo que culmina, pelo que entendo, solidificando a coesão étnica. A Ombala Yo Mbalundo, sendo o centro da etnia Ovimbundo, agrega, em certos espaços, parte dos restos mortais, no caso os crânios, de todos aqueles que em determinados momentos lideraram o Reino, bem como uma série de objectos que indiretamente ligam os descendentes e conservadores da cultura a seus antepassados. Outrossim, é que tais objectos testemunham o facto de que a organização no Reino, é um dado que antecede o período colonial. Eis a descrição e o valor simbólico de alguns objectos e locais na ombala:

### **2.7.1. Atambo**

É um templo, localmente considerado como santuário do Reino, um local de respeito particular, sobretudo para o Rei e sua corte, pelo facto de ser nele onde jazem os crânios dos Reis do Reino. É neste local onde o Rei e sua corte curvam os joelhos pedindo para que seus antepassados lhes proporcionem soluções dos mais variados problemas. Refiro-me a problemas de origens naturais, como a seca, excesso de quedas pluviométricas, epidemias e outras catástrofes, bem como aqueles de carácter sobrenaturais. Também veneram a estes para agradecer sempre que tiverem êxitos, como grandes colheitas, nascimento, cura. É o local onde o Soberano explica a história do Reino a todos que visitarem a ombala fundamentalmente para este propósito.

Eles acreditam na existência de dois mundos: um mundo visível onde habitamos e outro invisível habitado por seus antepassados. O mundo invisível é, no entender deles, a fonte de soluções para os problemas do mundo visível. Esta atribuição de funções ou características divinas

(deificação) aos seus ancestrais, julgo não diferir daquela que é comum entre vários descendentes dos Bantu. Para estes, depois de mortos, seus ancestrais se transformam em espíritos diversos que, ao atuarem sobre a natureza e fundamentalmente sobre o homem, se unem tornando-se num só, como postulou Evans-Prichard, entre os Nuer, pois de acordo com ele, *«é compreensível, portanto, que em relação à ordem social segmentária a concepção do espírito seja dividida em várias refrações, enquanto que em relação à natureza e ao homem em geral a multiplicidade se torna novamente una»* (Prichard apud Serrano, 1983, p 53). Altuna quando refletia sobre os espíritos invisíveis, a fim de poder explicar a pirâmide vital e o monoteísmo Bantu, afirmou que *«o Bantu, situa tais espíritos como intermediários entre a divindade e os vivos»* (IBIDEM, 2014, p. 421).

Isto explica o valor que a comunidade e fundamentalmente o Rei e sua corte fornecem ao local. E por este facto, o acesso ao mesmo santuário leva ao cumprimento obrigatório de certos procedimentos por parte de todos. Na porta e esperando por todos que se oferecerem a entrar está sempre um integrante da corte com um prato nas mãos, contendo no interior elimbo e óleo de palma. Este membro da corte terá a missão de colocar o seu dedo indicador sobre este óleo e elimbo e pintar o pulso do membro superior direito e o tornozelo do membro inferior esquerdo, como símbolo de purificação para aceder ao santuário.

### **2.7.2. Akokotos**

Se nos atambo são conservados os crânios, poderá surgir a seguinte questão: onde se enterra o resto do corpo? É exatamente este local (Akokotos), onde se sepulta o resto do corpo de um soberano. É um espaço considerado sagrado por ser o cemitério dos Soberanos do Reino. O acesso ao mesmo obedece alguns rituais como acontece no Atambo, bem como a oferta de animais como espelham as imagens seguintes.

### **2.7.3. Os Onjangos**

São instituições onde se realizam reuniões ou se tomam decisões para a vida da comunidade, se realizam julgamentos, se recebem os visitantes. No local acontecem, de quando em vez, os encontros de confraternizações no interior da ombala. Existem no interior da ombala quatro onjangos com funções específicas. A função de cada um determina a sua localização na ombala, e é assim, que um é interno e três são externos.

**Onjango interno:** é localmente considerado como a universidade da ombala, por ser nele onde se esboçam os mecanismos de protecção e resolução dos problemas da população. Ele é de uso exclusivo do Soma Inene e os Losoma Viondunko (corte) e sempre que existir necessidade do



mesmo ser usado, o primeiro da corte a colocar-se no interior para examinar a existência ou não de condições para que de seguida o líder e seus colegas entrem também é o soba Kessongo.

**Onjango externo esquerdo:** serve exclusivamente para recepções aos visitantes. Esta secção é de inteira responsabilidade do soba Kessongo. Maior parte das deslocações de visitantes para a ombala são devidamente protocoladas, mas na eventualidade de surgir uma emergência e atendendo ao fato de que o soma inene e sua corte estão sempre a dispor do povo fazendo juz à sua existência, é neste local onde para além de recebidos são trocadas as primeiras informações, para depois serem dirigidos ao Usonahi que fará o registro das preocupações e o prosseguimento do processo.

**Onjango externo maior e central:** é considerado o tribunal da ombala, ou do Soma Inene e sua corte, pois é o local apropriado para todos os julgamentos, independentemente da natureza da infracção.

**Onjango externo direto:** é o gabinete do Usonahi ou secretário. É neste local onde o mesmo anota, para depois reportar em Umbundu aos demais membros da corte, os problemas que as populações em busca de soluções recorrem à ombala.

## 2.8. Alguns instrumentos usados durante a entronização de um Soma Inene

Fósforo artesanal: é o símbolo do fogo e da alimentação. Simboliza que o Soma Inene, por um lado, deve criar condições para que as fogueiras continuem sendo acesas durante as noites, pois é nestes locais onde os anciãos transmitem às gerações mais novas os hábitos e costumes do Reino, solidificando desta forma a consciência étnica, que se manifesta de várias formas e que se pode sintetizar no espírito de pertença comum entre os ovimbundu. Por outro lado, demonstra que o mesmo é o responsável por garantir a alimentação por parte da população. É ainda um indicador de pertença ou não do futuro Soma Inene à linhagem dos Losoma Inene do Reino, pois é usado em determinadas fases da entronização, isto é, na residência do Soma Kessongo, depois na do Muekalia e por fim no palácio dos Soma Inene. Deve acender nas três fases, pois, caso não acenda, e segundo a crença local, é sinal de que o futuro Rei não é legítimo. Questionado por nós sobre a sua legitimidade enquanto rei, **Ekuikui V** respondeu-nos assim,

*“se eu não fosse legítimo, o fósforo não ia acender, não acenderia mesmo, podíamos passar tantos dias a tentar, mas não acenderia”* (Entrevista feita em sua residência).

**Espada:** é o símbolo do poder e da imparcialidade. Durante a entronização, o Soma Ngambole, que também é o conselheiro da corte, tem a missão de entregar a espada, simbolizando

a transmissão do poder sobre tudo e todos. E o fato de a mesma cortar nos dois lados simboliza que o Soma Inene no exercício das suas funções não pode olhar a quem, para decidir, ou seja, ele deve ser imparcial durante os seus julgamentos.

**Chifre de Boi ou Epamba Liongombe:** na entronização de um Soma Inene é indispensável o abate de um boi, como sinal de continuidade ao costume iniciado por Katiavala I durante a sua entronização. Os chifres do animal abatido são conservados simbolizando a existência ou passagem de um indivíduo como soberano do Reino, é a prova material.

### **2.8.1. Instrumentos de punição**

Símbolos de respeito. Os membros do Reino são incutidos desde cedo a pautarem por comportamentos que cultivem a coesão ou unidade. Daí a existência por um lado de indivíduos na corte com a missão de controlar o cumprimento escrupuloso de tais regras comportamentais e, por outro, de um leque de sanções para disciplinar todos que agirem à margem de tais normas. Eles acreditam que observando o comportamento de alguém, conseguem identificar se é ou não pertencente à etnia Ovimbundu e residente da ombala, como afirmou o Sekulo da ombala, o Sr. Domingos Manuel Tchimbulo, *“se estiveres a passear aqui na ombala e um rapaz te disparatar ou te abusar, ele não é daqui, os nossos meninos são mais educados que os da cidade, que não respeitam os pais dos outros, nós aqui pai do outro é teu pai, mãe do outro é tua mãe, se você não respeitar os outros vás ser castigado, e, quem quer apanhar surra?”* (Entrevista concedida em casa do Usonahi).

Enfim, os meios de punição existem para cobrar dos membros da ombala o devido respeito entre eles, e recorre-se a eles em defesa dos bons hábitos e costumes. Estou a falar da algea tradicional e o chicote Ngueve e Jamba. Ngueve e Jamba são os nomes que se atribuem aos gêmeos na cultura ovimbundo e a atribuição desses nomes a este instrumento deve-se a sua forma, pois o mesmo é constituído por duas tiras de borracha (uma Ngueve e outra Jamba), e ao ser utilizado por si já demonstra ao infractor que o que fez não contribui para que a comunidade possa viver coesa que nem Ngueve e Jamba. Simboliza união, isto é, que os ovimbundu devem ser e viver unidos.

### **2.9. Elementos da corte e suas funções**

Por esta razão, cabe ao Soma Inene estabelecer relações com outras autoridades através de políticas coletivamente pensadas, aconselhar e coordenar seus membros e todas as atividades desenvolvidas no Reino.

No exercício de suas funções, o Soma Inene conta com o suporte de 35 autoridades que constituem a sua corte, e cada um tem uma missão específica diante das mais variadas situações, como descreverei a seguir:

**1. Epalanga:** é o Soma Inene adjunto e deve pertencer também a uma das linhagens dos Reis do Mbalundo. Porém, neste momento, o Reino está sem um representante para esta categoria, o que não quer dizer que não existam substitutos por direito, caso seja necessário.

**2. Inakulu:** É a Rainha e, na atualidade, a única autoridade de gênero feminino pertencente a corte. Ela é entronizada em simultâneo com o Soma Inene, e, entre outras, responsabiliza-se pelas situações de âmbito feminino que por tabus, apenas ela deve reportar ao seu esposo, ou, aos seus parceiros, se necessário for. Ela desenvolve mecanismos que visam coordenar as actividades das associações de carácter feminino no Reino, incentiva as mulheres do Reino, fundamentalmente as da ombala, a pautarem por comportamentos exemplares, com maior realce na adesão aos estudos, pois só assim inverterão definitivamente o papel de doméstica que genericamente se lhes atribui.

Poderia dizer que a poligamia é um fato no Reino, basta observar que existem nomes devidamente preparados para o conjunto de mulheres que eventualmente um rei possa ter, nomes que ao mesmo tempo espelham uma hierarquia entre elas. Assim sendo, a Inakulu seria a primeira esposa e, por este facto, a Rainha. No caso de existirem outras, teriam entre outros os seguintes nomes: Sia (2ª esposa), Nangandala (3ª esposa), Mbavela (4ª esposa), Tchiwotchepembe (5ª esposa).

**3. Usonahi:** Este desempenha as funções de secretário. É o canal que a população tem para reportar os seus problemas para a ombala, a fim de serem resolvidos pelo Soma Inene e sua corte. O onjango externo direito (ver imagem nº 8) é o seu gabinete; é nele onde este recebe os munícipes solicitantes. Anotados os problemas, terá a missão de os transmitir em primeira instância ao Soma Inene, que na presença deste e dependendo da natureza do problema, agendam o dia para resolve-lo. Desde 1999 até a atualidade, este cargo é desempenhado pelo Soma Fernando Hosi, parente paterno do Rei Ekukui V. Dizer, ainda, que o mesmo, na impossibilidade do Soma Inene ou do epalanga fazerem-se presentes para a resolução de qualquer problema devidamente agendado, tem a prerrogativa de os representar.

**4. Soma Ngambole:** Figura que entroniza o soberano e responde como conselheiro da corte. Assim sendo, o soma inene, bem como os Losoma Vionduko, sempre que estiverem diante de algumas situações de carácter particular ou coletivo, como conflitos no lar, desentendimento

entre colegas... recorrem a ele. Mesmo durante os julgamentos na ombala, ele intervém aconselhando sempre que possível os membros do tribunal, os réus bem como a população assistente.

**5. Soma Muekalia:** Membro da corte com a missão de entronizar também o Soma Inene, a exemplo do Soma Ngambole. O indivíduo a quem se atribuir este cargo deve ter uma personalidade de alguém acolhedor e que, entre outras, adore oferecer ou partilhar e servir, e por estas características, ele é considerado a mãe dos Losoma. É auxiliado por dois constituintes da corte, que a seguir serão mencionados.

**6. Soma Chikaka:** adjunto do Muekalia

**7. Soma Chikukulo:** membro da corte com a missão de auxiliar os Losoma Muekalia e Ngambole.

**8. Soma Siasoma:** É o responsável pela segurança e proteção do Soma Inene. É o segurança secreto da corte, e que estimula várias vezes conversas a desfavor do Soma Inene ou sobre o modo de intervenção cultural, social e económica da corte, para testar ou perceber o nível de confiança dos seus serviços diante da população. É também o único da corte responsável pela otchalo (cadeira) do Soma Inene.

**9. Soma Kasoma:** é o responsável pelo estado de saúde do Soma Inene e, por esta razão, é o único que diariamente e pelas manhãs deve se deslocar à moradia do soberano, e reportar em seguida o estado do soberano aos seus colegas, pois, a partir disto, saberão se poderão contar ou não com a autoridade máxima em mais uma jornada laboral.

**10. Soma Ndaka:** É o porta-voz ou mensageiro da corte. As mensagens ou informações sobre acontecimentos no interior da ombala como mortes, reuniões, campanhas de higiene entre outras, não dependem dos órgãos de comunicação massiva. Logo, cabe a este indivíduo circular pelo bairro todo e com voz alta passar as mais variadas mensagens aos moradores, sempre que possível for.

**11. Soma Epango:** Vela pela segurança alimentar do Soma Inene (nutricionista do Soberano). É o canal por onde obrigatoriamente devem passar todas as ofertas alimentares que qualquer um fizer ao soberano. Segundo a realidade local, ninguém, por exemplo, abate um gado bovino e se alimenta da carne sem oferecer parte desta ao soma inene, porém, esta oferta não chega diretamente ao soma inene, deve antes passar pelo soma Epango que analisa o estado dela e decide se a fará chegar ou não nas mãos do Soma Inene.

**12. Soma Kesongo ou Kumandandi:** É o guia do Soma Inene e da corte. O mesmo escolta as movimentações destes no interior da ombala. O seu gabinete de trabalho é o onjango externo esquerdo, local onde recebe os visitantes, uma vez que qualquer indivíduo que se dirigir para ombala em busca dos serviços prestados por eles deve antes passar pelo seu gabinete a fim de trocarem as primeiras impressões, para depois os encaminhar ao usonehi.

**13. Soma Chilala:** A higienização do atambo e dos akokoto é de inteira responsabilidade deste e do seu adjunto.

**14. Soma Chikola:** É o adjunto do Chilala que como disse, ambos responsabilizam-se pela higiene do santuário tradicional e do cemitério dos soberanos.

**15. Soma Henjengo:** É o agitador, catalisador ou atiçador. Este tem a função de fazer cumprir as orientações do Soma Inene, lembrando sempre que possível for que o Reino tem como Soberano uma só figura, e que as decisões ou orientações que o mesmo emanar em nome da corte devem obrigatoriamente ser cumpridas sob pena de passar por sanções. Durante os julgamentos, por exemplo, é normal que uma parte conflituante não concorde com uma determinada decisão do tribunal, originando reclamações, murmuro, e outras atitudes que espelhem insatisfação. Nestes momentos, este soma deve intervir sempre com discursos ameaçadores e que lembrem a necessidade de obedecerem as decisões do tribunal sob pena de aumentarem-lhes a sanção.

**16. Soma Kalufefe:** é o adjunto ou colaborador do soma Henjengo.

**17. Soma Chiwale:** É o responsável pela indumentária ou vestuário do Soma Inene. Ou seja, é o único que cuida do aspeto visual do Soberano, qualquer falha neste pormenor, como roupa suja, camisa mal abotoada, gravata mal posta as responsabilidades serão todas atribuídas a este soma.

**18. Soma Kalei:** é o membro da corte com a função específica de servir a alimentação ou bebidas ao Soma Inene.

**19. Soma Kesenje:** autoridade responsável em proporcionar momentos de lazer ou recreativos ao Soma Inene, e é ao mesmo tempo o conselheiro direto dele e o juiz do tribunal da corte.

**20. Soma Lumbo:** responsável pela cerca da ombala e dos akokoto.

**21. Soma Lombundi:** é a figura da corte que desempenha as funções de porteiro. Ou seja, tem a missão de abrir e fechar as entradas e saídas da ombala.

**22. Soma Ndalul:** integrante da corte, responsável pelo fogo e de segurar o animal durante o abate, bem como de cuidar do sangue deste.

- 23. Soma Chitonga:** figura que acende o fogo no onjango.
- 24. Soma Sipata:** é o único da corte que transporta o símbolo de poder do Soma Inene, ou seja, a espada, e é por isso também considerado de guarda-costas do Soberano.
- 25. Soma Lumbungululu:** é caracterizado como o brilho da ombala, é a estrela da ombala, ou seja, é o responsável pelo brilho ou iluminação da e na ombala.
- 26. Soma Sindako:** é o responsável em manter inviolável o Reino diante de qualquer situação, e em levar o mesmo à conquista de outros espaços se necessário for. Durante as movimentações internas destes, ele deve ocupar sempre a última posição.
- 27. Soma Tembuasoma:** o Soma Inene bem como os Losoma hoje se alimentam da comida feita pelas suas esposas também, porém, em tempos áureos, evitava-se isto. Logo, este soma era o cozinheiro do soma inene ou da ombala. A ele também se incumbe a missão de cuidar das esposas dos losoma.
- 28. Soma Sunguahanga:** adjunto do Soma Tembuasoma e desempenha igualmente as funções de mobilizador de massas.
- 29. Soma Nuñulu (Nunhulu):** é filho primogénito do Soma Inene.
- 30. Soma Ukuepandela:** é o responsável pelo içar e arrear da bandeira na ombala, e que é usada como catavento.
- 31. Soma Katumua:** é o tamborista da corte e o responsável pelos demais indivíduos que manuseiam este instrumento e têm a missão de animar os encontros na ombala bem como desejar com o som agradável que produzem boas vindas aos visitantes.
- 32. Soma Uchilã:** é o dançarino da corte e dança sempre com uma cauda de boi, que a usa para expulsar as moscas que estiverem em direção ou pousarem ao Soma Inene. E, sempre que o soma inene estiver dançando, o mesmo deve como maestro guiar os movimentos do soberano.
- 33. Soma Chikakula:** desde a fundação do reino, o abate de determinados animais tem um valor simbólico, fundamentalmente durante a entronização. Logo, este soma é o responsável pelo abate de tais animais e em arranjar capim para ser queimado durante o preparo dos mesmos. Nas campanhas de higienização da ombala, caso haja a necessidade de se queimar o capim, a ele se incumbe esta missão, para se evitar que o mesmo se faça descoordenadamente e afete outros espaços. É também o responsável pelas queimadas que se efetuam durante a caça.
- 34. Soma Kapitango:** é o responsável em garantir a proteção física da ombala.

**35. Sekulo:** é o chefe da ombala, figura que tem a missão de reportar para a Administração Municipal os dados qualitativos e quantitativos ou demográficos da população residente na ombala. Este não necessariamente deve pertencer a uma das linhagens dos reis, mas sim, uma figura adulta, que tenha um comportamento exemplar e que se mostre ser um exímio conhecedor da população local.

Existem ainda dois grupos de indivíduos não pertencentes à corte e que prestam serviços na casa do Soma Inene. O primeiro é o **acombi**, composto por indivíduos que se responsabilizam pela limpeza, e o segundo é o **olonana vie elombo**, composto por um conjunto de mulheres que prestam serviços domésticos, auxiliando a inakulu.

Esta estrutura política descrita demonstra que para todos os efeitos, o poder é descentralizado. Uma estrutura onde se reconhece a existência de uma figura soberana e que, ao mesmo tempo, este soberano nada seria sem o contributo dos seus membros mais diretos, no caso os losoma vionduko. Basta para o efeito vermos que cada um destes ocupa uma determinada função e há um respeito de limites entre eles, incluindo o próprio soberano. Portanto, e diante disto, me arriscaria em concluir que o soberano étnico é em simultâneo a figura mais dependente do conjunto de autoridades do reino do Mbalundo. Aliás, Hannah Arendt postulou que,

**1.** «O Rei, que não é mais do que um indivíduo solitário, depende muito mais do apoio geral da sociedade do que em qualquer outra forma de governo (...), o poder do governo, depende de números; ele reside na proporção do número ao qual é associado» (ARENDDT, 2014, p. 58).

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1. Pesquisa**

Pesquisa, é um conjunto de acções , propostas para encontrar a solução para um problema, as quais tem por base procedimentos racionais e sistemáticos. A pesquisa é realizada quando temos um problema e não temos informações para solucionar-los ( PRODANOVEL E FREITAS 2013).

Para dar um cunho científico ao presente trabalho, vários métodos, técnicas e procedimentos foram tidos em conta, os quais destacamos:método histórico, método teórico, método dedutivo e empírico, método do questionário, e o método bibliográfico.

#### **3.2. O método histórico**

Com este método, fomos capazes de estabelecer os factos no ponto de vista cronológico e lógico das instituições ligadas ao passado para e conseguimos aferir o impacto da cultura no Reino Mbalundo.

#### **3.3. Métodos teóricos**

Na aplicação deste método, remeteu-nos ao método empírico, cuja função ajudou-nos, na busca de informações das pessoas que vivem a realidade.

**Métodos dedutivo e empíricos.** Nestes métodos, partimos da percepção segundo a qual, buscando a informação daquilo que se tem como norma geral e o conhecimento no ponto de vista particular de cada cidadão, conforme lhe apraz, no ponto de vista particular. A racionalização ou a combinação de ideais em sentido interpretativo, do geral ao particular foi o nosso ponto assente.

**Método do questionário** – usamos o método do questionário, que nos possibilitou a encontrar mecanismos de formular perguntas, de forma escrita e oral, as pessoas para a obtenção de dados.

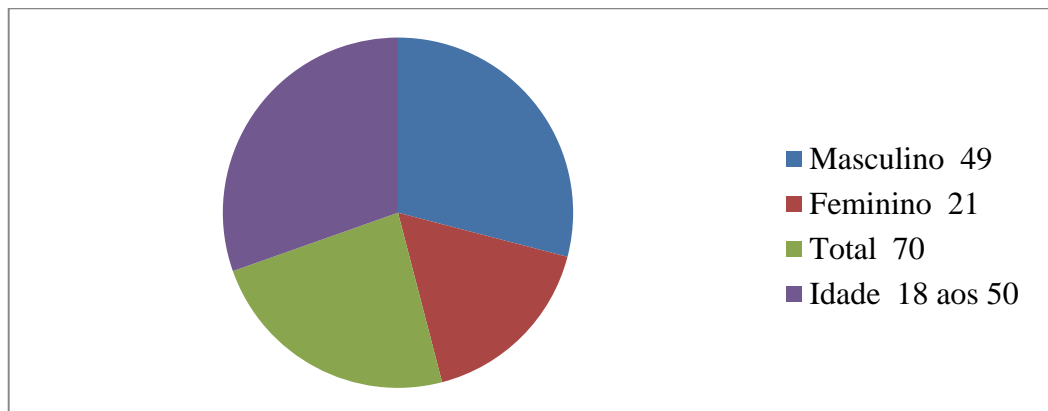
**Metodo bibliográfico** – este método usamos para dar crédito aos autores das fontes consultadas, e permitir que outras pessoas possam encontrar as mesmas fontes, onde tivemos acesso: livros , artigos científicos , teses, dissertações, relatórios técnicos, documentos oficiais, entrevistas, sites, entre outros.



#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na análise e discussão dos resultados, examinaremos os dados colectados, identificaremos padrões e tendências, da entrevista realizada durante um período curto de tempo, que fomos trabalhando, conforme os gráficos abaixo representados:

**Gráfico 1-**Característica do género que participou da entrevista.

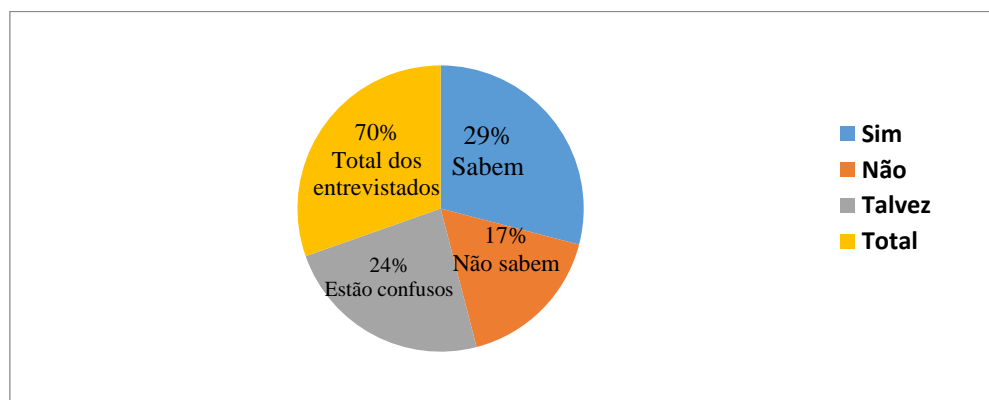


**Fonte:** (Autora, 2023)

O presente gráfico retrata os resultados obtidos na investigação, que caracterizam o número de género entrevistado. Foram entrevistados setenta (70) pessoas, com uma percentagem de 100%, na qual quarenta e nove (49) são do sexo Masculino que fazem uma porção de 73%, e vinte e um (21) são do sexo Feminino, correspondendo a 27% do género entrevistado. Desta feita, concluiu-se que a população entrevistada é maioritariamente Masculina com uma percentagem de 73%.

O gráfico abaixo, mostra-nos o número de indivíduos entrevistados por nós a respeito das questões colocadas, sua participação e correspondência ao questionário.

**Gráfico 2-**Percentagem dos entrevistados.



**Fonte:** (Autora, 2023)

- a) Qual é o local considerado como centro de transmissão da cultura aqui no Reino Mbalundu?
- b) Qual é a fonte de aquisição cognitiva da cultura do Reino Mbalundu?
- c) Que importância tem, um centro cultural numa determinada localidade?
- d) O que deve ser feito para a divulgação da cultura do Reino Mbalundu?

Os entrevistados alegam não haver um centro de transmissão da cultura local, mas alegaram que seria bom se houvesse um centro para que sirva de transmissão dos hábitos, costumes e resgates dos valores éticos e morais; quiçá ajudar a educação pelo respeito das Ombalas e séculos. Também enfatizaram que além de adquirir educação, costumes e outras valências, serviria de entretenimento juvenil na comunidade e certamente criaria postos de trabalho, basta que haja mentores do projecto com políticas bem estruturadas.

Foram unânimes em afirmar que, se crie um centro vocacionado aos fins de transmissão da cultura do Reino Mbalundu, porque entendemos que com um projecto desta natureza, ajudará na diminuição significativa da delinquência e prostituição na classe juvenil.

## 5. PROPOSTA DE SOLUÇÃO

A criação de um centro cultural, será um espaço dedicado à promoção e difusão de actividades culturais, como: exposição, espetáculos, workshops (é uma actividade de aprendizagem prático, geralmente de curta duração, em que os participantes têm a oportunidade de adquirir habilidades específicas em determinada área; ou seja é uma forma interativa de aprendizagem, com realização de exercícios, discussões e troca de experiências entre os participantes), entre outros.

No ponto de vista académico, terá a função de proporcionar um ambiente propício para o aprendizado da cultura e a troca de conhecimentos; no empreendedorismo, suas valências podem incluir a criação de oportunidades de negócios, networking (redes de contactos ou relacionamentos) e apoio ao desenvolvimento cultural e artístico.

o que respeita ao plano económico, enquanto empreendedores do projecto, faremos parceria com uma das empresas que seja local ou fora da província, que já tenha espaço no mercado económico; feitas as solicitações de parceria, por não possuímos o capital inicial, vamos solicitar o Estado concretamente requerer um crédito bancário para o financiamento do projecto, de maneiras a termos uma sustentabilidade económica basicamente estável.

Criaremos políticas de recrutamento do capital humano, com preferência pessoas idóneas, umas formadas em História e outras formadas em área Tecnológica e Marketing, para as estratégias que se impõem e necessárias que possibilitam o arranque da mesma empresa sem sobressalto. O pagamento dos funcionários, no caso concreto os salários, dependerá da produção e das receitas que a empresa vai angariar ao longo das políticas internas implementadas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, os onjangos devem ser vistos e interpretados para além do seu simples aspecto físico; eles são muito mais do que parecem ser diante de uma simples observação. Devem ser vistos como lugares por excelência cuja essência é para a valorização dos hábitos e costumes de um determinado povo. Merecem uma interpretação fundamentalmente antropológica, que levará em consideração as funções simbólicas imbricadas a ele, e atribuídas localmente logo após a fundação do Reino e que perpetuam até aos nossos dias.

Não existe a presença de um determinado povo, sem a presença de uma determinada civilização ou cultura!

Só uma interpretação a este nível nos levará a conceber os onjangos como uma instituição e não como moradas de um simples local de diversão, mas como um local imprescindível para a vida da comunidade. Pois, é lá onde são analisados os mais diversos problemas da comunidade, simultaneamente, projectando os mecanismos de solução dos mesmos problemas. Não é por acaso que existe dentro da ombala, um onjango chamado **universidade**; cuja função é receber todos os problemas atinentes a comunidade com o propósito de resolvê-los; seu uso é de forma exclusiva ao Rei e sua Corte, e um outro compartimento considerado gabinete, onde por exemplo: o **Usonhi**, bem como o **Onjango central**, localmente chamado de **tribunal**, exercem as suas funções.

Com tudo, no decair do plano do meu trabalho, depois das minhas pesquisas concluídas para o Reino Mbalundo chegou-se ao nível em que hoje do ponto de vista econômico, político, social, não foi de dia para noite, ocorreram um conjunto de processos desde a sua gênese, tal como no ato do surgimento do próprio Reino que envolveu uma serie de rituais inclusive o sacrifício de vidas humanas, durante o percurso já se passaram 37 Reis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

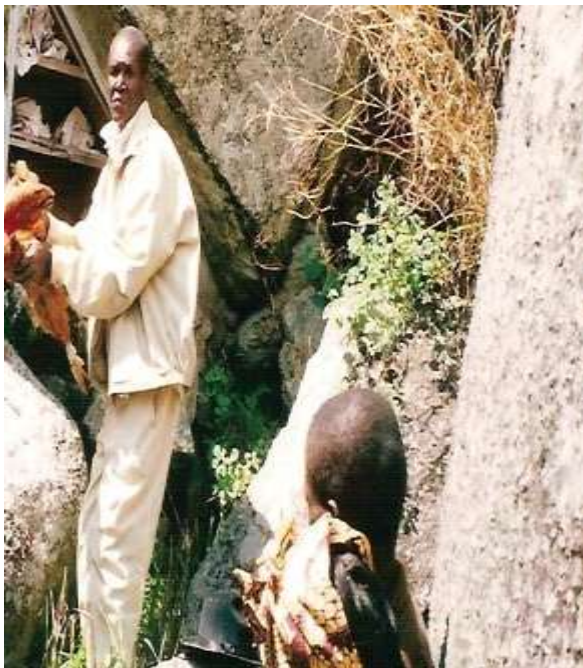
- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo.
- ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa Pe. **Cultura Tradicional Bantu**. 2ª ed. Portugal: Paulinas Editora, Prior Velho, 2014.
- APPADURAI, Arjun. **Soberania sem Territorialidade: notas para uma geografia pós-colonial**. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 49, 1997.
- APPIAH, Kwame Anthhony. **Na Casa de Meu Pai: a África na filosofia da cultura**. Tradução de Vera Ribeiro, revisão da tradução de Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARENDDT, hannah. **Entre o passado e o futuro. Que é a autoridade?\_\_\_\_\_**. Sobre a Violência. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMANBIANCO, Bela. **Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Lisboa: ICS, 2013.
- BURGUIÉRE, André; et al. **História da Família - o choque das modernidades**, CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Antropologia e Poder: uma resenha de etnografias americanas recentes**. Rio de Janeiro: BIB, n. 27, 1989.
- ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 197 p3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. Ásia, África e Europa. Lisboa /Portugal:Terramar, 1998. 10- CARDOSO, Vânia Zikán. **Diálogos Transversais em Antropologia**. Florianópolis: PPGAS / UFSC, 2008. 11

## APÊNDICE



Fonte: Walmir Desmasceno

**Imagem nº 1** - Atambo, mas precisamente no local onde jazem os restos do crânio do fundador do Reino, o Soma Inene Katiavala I



Fonte: Agência Angola Press

**Imagens nº 2** - Entrada dos Akokotos **Imagens nº 3** - interior dos Akokoto

